

VOL IV

POR PALAVRAS E GESTOS A ARTE DA LINGUAGEM

Patrícia Vasconcelos Almeida
Mauriceia Silva de Paula Vieira
(Organizadoras)



EDITORA
ARTEMIS
2021

VOL IV

POR PALAVRAS E GESTOS A ARTE DA LINGUAGEM

Patrícia Vasconcelos Almeida
Mauriceia Silva de Paula Vieira
(Organizadoras)



**EDITORA
ARTEMIS
2021**



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe

Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Editora Executiva

M.^a Viviane Carvalho Mocellin

Direção de Arte

M.^a Bruna Bejarano

Diagramação

Elisângela Abreu

Revisão

Os autores

Organizadoras

Prof^a Dr^a Patricia Vasconcelos Almeida

Prof^a Dr^a Mauriceia Silva de Paula Vieira

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia

Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba

Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal

Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados

Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Prof.^a Dr.^a Elvira Laura Hernández Carballido, Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo, México

Prof.^a Dr.^a Emilias Darlene Carmen Lebus, Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina

Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Prof.^a Dr.^a Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco

Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, University of Miami and Miami Dade College, USA

Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros

Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Dr.ª Lúvia do Carmo, Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras
Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Dr. Turpo Gebera Osbaldo Washington, Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Peru
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, Corporación Universitaria Autónoma del Cauca, Colômbia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P832 Por palavras e gestos [livro eletrônico] : a arte da linguagem vol IV / Organizadoras Patricia Vasconcelos Almeida, Mauriceia Silva de Paula Vieira. – Curitiba, PR: Artemis, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

Edição bilíngue

ISBN 978-65-87396-27-9

DOI 10.37572/EdArt_290121279

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Almeida, Patricia Vasconcelos II. Vieira, Mauriceia Silva de Paula.

CDD 469

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



2021

APRESENTAÇÃO

O volume 4 do livro **“Por Palavras e Gestos: A arte da Linguagem”** se constitui a partir da seleção e organização de trabalhos que envolvem processos de ensino da língua, questões sobre formação docente dos profissionais do ensino de língua e considerações diversas sobre a grande área de estudos que a Linguagem. Entrecortado por questões teórico-práticas que envolvem majoritariamente o ensino presencial, mas que também transita entre o ensino virtual e/ou híbrido, dando destaque aos letramentos que se fazem necessários para utilização das mídias digitais no contexto educacional, este volume oferece ao leitor oportunidades de repensar teorias e práticas pedagógicas. Considerando não somente o contexto de ensino da língua portuguesa, esta obra dá lugar também à língua brasileira de sinais, a língua crioula cabo-verdiana, bem como à outras manifestações da linguagem, tais como: arte, cinema e literatura. Respeitando diversos contextos sociais, históricos e culturais, alguns dos trabalhos se desdobram em compreender as razões que determinam ou influenciam manifestações linguísticas, construções morfossintáticas no campo da medicina e construções fonológicas do português brasileiro, bem como a importância da hermenêutica na linguagem jurídica. Toda essa diversidade de temáticas só vem a enaltecer a abrangência da área dos estudos da linguagem e ressaltar sua importância para academia.

Patricia Vasconcelos Almeida
Mauriceia Silva de Paula Vieira

SUMÁRIO

PARTE 1: PROCESSOS DE ENSINO E FORMAÇÃO DOCENTE

CAPÍTULO 1..... 1

RELAÇÃO ENTRE GESTÃO DO SABER CIENTÍFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA E A AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE ENSINO EM BUSCA DA EXCELÊNCIA.

Eugénia Emília Sacala Kosi
Pedro Ângelo da Costa Pereira

DOI 10.37572/EdArt_2901212791

CAPÍTULO 2..... 14

A PRÁTICA PEDAGÓGICA DAS ESCOLAS E DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA CONCEPÇÃO DOS MULTILETRAMENTOS E DISCURSOS MULTIMODAIS

Hydelvídia Cavalcante de Oliveira Corrêa

DOI 10.37572/EdArt_2901212792

CAPÍTULO 3.....25

BANQUETE “ROMEU E JULIETA”: UMA EXPERIÊNCIA ESTESIOLOGICA COM TEATRO E GASTRONOMIA

Fernanda Silva Zaidan
Raimundo Nonato Assunção Viana

DOI 10.37572/EdArt_2901212793

CAPÍTULO 438

PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE VIA AMPLIAÇÃO DO LETRAMENTO DIGITAL EM TEMPO DE PANDEMIA: CONCEITOS, EXPERIÊNCIA E AVANÇOS

Cleonice Maria Cruz de Oliveira
Marlon Teixeira de Faria

DOI 10.37572/EdArt_2901212794

CAPÍTULO 5.....53

MEDIATIZACIÓN, NARRATIVIDAD Y PROCESOS EDUCATIVOS

Federico Buján

DOI 10.37572/EdArt_2901212795

CAPÍTULO 662

ESCREVER SOBRE ENSINO DE LEITURA: ANÁLISE DE DOCUMENTOS OFICIAIS

Alba Helena Fernandes Caldas
Cibele Moreira Monteiro Rosa

DOI 10.37572/EdArt_2901212796

CAPÍTULO 7..... 74

ENSINO DE LEITURA E ESCRITA EM AMBIENTE DIGITAL

[Carmen Pimentel](#)

DOI 10.37572/EdArt_2901212797

CAPÍTULO 8.....86

A SEMIÓTICA E AS INTERFACES DO MULTILINGUISTO: OS SOFTWARES *HAGÁQUÊ* E *AUDACITY* - PODCAST NO ENSINO CONTEMPORÂNEO

[Joelma Monteiro de Carvalho](#)

[Clisivânia Duarte de Souza](#)

[Waldemir Lima de Carvalho](#)

DOI 10.37572/EdArt_2901212798

PARTE 2: A LINGUAGEM E SUAS NUANCES

CAPÍTULO 996

ESTUDO SOBRE A LINGUAGEM, CLASSIFICAÇÃO E CONSTRUÇÃO DOS GÊNEROS TEXTUAIS RADIOFÔNICOS

[Geane Cássia Alves Sena](#)

DOI 10.37572/EdArt_2901212799

CAPÍTULO 10.....110

DO DIÁRIO AO FACEBOOK: ITINERÁRIOS DA ESCRITA ÍNTIMA

[Carmen Pimentel](#)

DOI 10.37572/EdArt_29012127910

CAPÍTULO 11..... 123

EM RETALHOS DE MISSIVAS, A TESSITURA DE UMA REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA: “... VENHA VER, COMER, BEBER E RESPIRAR NORDESTE ...”

[Cristiane Maria Praxedes de Souza Nóbrega](#)

DOI 10.37572/EdArt_29012127911

CAPÍTULO 12..... 138

METÁFORAS EM LIBRAS

[Walkiria Neiva Praça](#)

[Adriana Dias Sambranel de Araujo](#)

DOI 10.37572/EdArt_29012127912

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 13 | 151 |
| LA SINGULAR RELACIÓN YO-TÚ COMO SUPUESTO DE LA EXPERIENCIA HERMENÉUTICA | |
| Saúl Mauricio Niveyro Linares | |
| DOI 10.37572/EdArt_29012127913 | |
| CAPÍTULO 14 | 165 |
| NOVAS FORMAÇÕES COM <i>BIO- E -ÍVORO</i> EM PORTUGUÊS | |
| Maria do Céu Caetano | |
| DOI 10.37572/EdArt_29012127914 | |
| CAPÍTULO 15 | 175 |
| APLICAÇÕES E RESULTADOS PRÁTICOS DE UM ALGORITMO FONOLÓGICO-PROSÓDICO-SILÁBICO PARA PORTUGUÊS BRASILEIRO | |
| Vera Vasilévski | |
| DOI 10.37572/EdArt_29012127915 | |
| CAPÍTULO 16 | 192 |
| UM ESTUDO SINTÁTICO-SEMÂNTICO DOS FORMATIVOS DE UNIDADES TERMINOLÓGICAS COMPLEXAS DO VOCABULÁRIO DA MEDICINA | |
| Bruna Moreira de Souza | |
| DOI 10.37572/EdArt_29012127916 | |
| CAPÍTULO 17 | 205 |
| DA REFERENCIAÇÃO À REFERENCIAÇÃO SEMIOTIZADA: UMA ABORDAGEM BAKHTINIANA | |
| Lícia Maria Bahia Heine | |
| DOI 10.37572/EdArt_29012127917 | |
| CAPÍTULO 18 | 225 |
| ASCENSÃO DO CRIOULO CABO-VERDIANO: <i>ESCOLHAS E/OU RESISTÊNCIA</i> | |
| Ivonete da Silva Santos | |
| Maria Helena de Paula | |
| DOI 10.37572/EdArt_29012127918 | |
| CAPÍTULO 19 | 240 |
| PETIÇÕES INICIAIS CRIMINAIS: UMA ANÁLISE LINGUÍSTICO-DISCURSIVA | |
| Magno Santos Batista | |
| DOI 10.37572/EdArt_29012127919 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 20 | 253 |
| NÍSIA FLORESTA E A ESCRITA FEMININA NO SÉCULO XIX | |
| Luma Pinheiro Dias | |
| Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz | |
| DOI 10.37572/EdArt_29012127920 | |
| SOBRE AS ORGANIZADORAS | 264 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 265 |

CAPÍTULO 1

RELAÇÃO ENTRE GESTÃO DO SABER CIENTÍFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA E A AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE ENSINO EM BUSCA DA EXCELÊNCIA.

Data de submissão: 22/12/2020

Data de aceite: 04/01/2021

Eugénia Emília Sacala Kosi

Faculdade de Educação,
Universidade de São Paulo
São Paulo-São Paulo

<http://lattes.cnpq.br/9846681230579473>

Pedro Ângelo da Costa Pereira

Gabinete de Línguas do Centro de
Investigação e Inovação do Departamento de
Estudos Avançados,
Universidade Jean Piaget
Luanda-Angola

<http://lattes.cnpq.br/2853162316521490>

RESUMO: Falar de interferências devido à influência da língua materna, além de ser uma banalidade denota um equívoco pois não são as dificuldades encontradas pelo aluno e os erros que comete em Língua Portuguesa (neste caso tida como língua segunda) que importa, o que importa é perceber como o diálogo bilingue ou plurilingue provoca a fossilização das ditas “interferências” na LP reflectindo na verdade um processo de enriquecimento no caminho da PA (Língua Portuguesa Angolana) que nos permita, a nós professores de LP, termos um sistema

linguístico normalizado para efeitos de uso no sistema de ensino. A questão torna-se mais complexa quando não se sabe ao certo qual é a LP que serve de modelo. Neste quadro queremos levantar algumas das muitas perplexidades de dimensão pragmática com que nos deparamos na nossa actividade lectiva, não tanto pelas dúvidas que os alunos nos põem mas mais pelas que nos assaltam: as questões de dimensão pragmática - as expressões sintácticas lexicalizadas. No primeiro caso a língua como instrumento de cognição engendra aceitabilidades divergentes que só não alimentam o preconceito linguístico se remetidas para variantes consideradas pela comunidade académica. No segundo caso, a fixação das expressões sintácticas lexicalizadas alimenta o valor elocutório do discurso com uma forte marca cultural: Quem em Portugal entende quando um angolano diz: «Fazer boa Muxima» e quem em Angola entende quando um português diz: «ver Braga por um canudo»? Conclui-se que no estádio actual do saber no domínio do ensino de LP em Angola não é possível avaliar a relação ensino/qualidade sem que se desbrave o caminho para a assunção de uma Língua Portuguesa variante Angolana (PA) tal como se reconhece haver a variante Europeia (PE) e a variante Brasileira (PB).

PALAVRAS-CHAVE: Língua Portuguesa; Português Europeu; Português Angolano; avaliação; frases idiomáticas.

THE RELATION BETWEEN THE SCIENTIFIC KNOWLEDGE OF PORTUGUESE LANGUAGE AND THE QUALITY OF TEACHING FOR EXCELLENCE

ABSTRACT: Interferences due to influence of the mother tongue, besides being a banality denotes a misunderstanding because what matters is not the difficulties of the students and his errors in Portuguese language (PL) (as a second language) but understanding how the bilingual or plurilingual dialogue promotes the fossilization of such “interferences” in the PL reflecting a process of enrichment toward of the Portuguese Language of Angola (AP). A process that allows us, teachers of PL, to have a standardized linguistic system for the system of education. The matter is more complex when we do not know which Portuguese language variant is the model to follow. Thus, in this article we want to work with some perplexities of a pragmatic dimension that we encounter in our teaching activity, not so much for the doubts of our students, but for our own doubts about the questions of the pragmatic dimension - the syntactic lexicalized expressions. In the first case, the language as an instrument of cognition engenders divergent acceptabilities that only do not nourish linguistic prejudice if referred to variants considered by the academic community. In the second case, the fixation of lexicalized syntactic expressions nourishes the eloquent value of the speech with a strong cultural feature: who in Portugal understands when an Angolan says, “Fazer boa Muxima” and who in Angola understands when a Portuguese says: “ver Braga por um canudo”? We consider that in the current moment is not possible to evaluate the relation teaching/quality without recognizing the variant of the Portuguese of Angola (AP) the same way that we recognize European Variant (EP) and the Brazilian variant (PB).

KEYWORDS: Portuguese Language; European Portuguese; Angolan Portuguese; evaluation; Idiomatic sentences.

1. INTRODUÇÃO

Em 2015 o Ministério do Ensino Superior lançou um repto às instituições universitárias (IES) no sentido de iniciarem um trabalho de avaliação da qualidade do seu ensino tendo por base que:

O ensino superior (ES) constitui, universalmente, o nível mais elevado do subsistema de ensino, cuja acção se funda essencialmente em três funções constitutivas: ensino, traduzido na transmissão de conhecimentos e competências, para a formação das novas gerações; investigação, centrada na produção e busca de novos saberes; e extensão, que passa pela articulação da academia com a comunidade, contribuindo, assim, na resolução de inúmeros problemas comunitários. (In 2ª Chamada para as Jornadas Científico-Pedagógicas do ISCED-Luanda, Set, 2015).

A partir deste desafio deu-se início a um movimento a nível das IES procurando mostrar que o seu objecto se identificava com a Excelência.

Este movimento levou-nos a este modesto trabalho que identificamos como:

Relação entre gestão do saber científico da LP e a avaliação da qualidade de ensino em busca da excelência.

A procura dos caminhos que nos permitissem responder à questão que deu origem a este nosso trabalho levou-nos a procurar perceber de que conhecimentos, nós os pobres professores de LP, estamos armados para realizar a nossa tarefa 1) transmitir conhecimentos; a nossa tarefa 2) investigar perseguindo novos saberes e a nossa tarefa 3) submeter ao critério da comunidade a validação das tarefas 1 e 2.

Para delimitar o nosso campo de pesquisa de modo a responder à questão formulada, isto é, podemos medir a qualidade do ensino da LP e direccioná-lo a caminho da Excelência?, socorremo-nos da nossa experiência como professores do ES e rapidamente nos apercebemos que a primeira e decisiva pergunta tem origem na tarefa 1: que conhecimento temos da LP que queremos ensinar?

Para construirmos a resposta a essa pergunta quisemos adentrar no nosso universo linguístico tendo desembocado pacificamente na variante da LP que dá origem aquilo que iremos chamar a «Língua de Corredor» que não é nem o PB nem o PE antes ou depois do acordo ortográfico.

A reflexão sobre a putativa variante angolana da LP que já se chamou, nos idos de setenta e oitenta do século passado, a **língua veicular** levou-nos a tentar perceber que instrumentos se usam no ensino da língua e chegámos à questão das gramáticas, Gramáticas Brasileiras e Gramáticas Portuguesas.

O uso desregulado das gramáticas aprofundaram as nossas perplexidades e direccionaram o passo seguinte deste trabalho para abordar questões de natureza pragmática.

As questões de natureza pragmática são as mais marcadas culturalmente e portanto mais emblemáticas, daí essa nossa escolha.

2. A QUESTÃO DA LP VARIANTE ANGOLANA.

Falar de interferências, além de ser uma banalidade, denota um equívoco pois não são as dificuldades encontradas pelo aluno e os erros que comete em LP (neste caso tida como língua segunda), devido à influência da sua língua materna, o que importa.

O equívoco resulta de o uso da LP se confrontar com duas situações de convívio linguístico distintas, por um lado o bilinguismo e por outro a diglossia. O segundo conceito remete-nos para uma situação que caracteriza as

comunidades linguísticas que utilizam em convergência duas ou mais variantes da mesma língua, já bilinguismo releva, fundamentalmente, as interações entre sistemas linguísticos diferentes (GALLISSON e COSTE: 1983, 203).

Mas o que importa é perceber como o diálogo bilingue ou diglósico provoca a fossilização das ditas “interferências” na LP reflectindo na verdade um processo de enriquecimento no caminho do PA (Português de Angola) que nos permita, a nós professores de LP, termos um sistema linguístico normalizado para efeitos de uso no sistema de ensino.

O tema desta prosaica reflexão destina-se a polemizar o ensino da LP em Angola e como situar a competência linguística de cada um em comparação com a LP que serve de modelo.

A questão torna-se mais complexa quando não se sabe ao certo qual é a LP que serve de modelo. (Não nos parece, como sugere a professora Teresa Costa, que a solução passe pela aceitação do putativo *Acordo Ortográfico*. Vide NG, nº 159, 25-07-2015).

Ao nível académico reconhece-se a existência de uma variante brasileira (PB) e uma variante europeia (PE) e o resto. No momento em que o Governo angolano recusou assinar o Acordo Ortográfico (AO) deu sinais claros aos especialistas para estudarem o assunto profundamente de modo a que um acordo possa contemplar as particularidades do PA (Português Angolano) o que também quer dizer que há desfasamento entre a LP que serve de padrão ao ensino em Angola e o PE em virtude deste incorporar o último Acordo Ortográfico e a LP que serve de padrão em Angola é o PE Antes do Acordo ortográfico (ou se quisermos lançar mais confusão à nossa questão linguística diríamos o PEAA).

A linguagem, entendida como faculdade humana universal, é uma actividade significativa de representação, tanto de produção como de reconhecimento de formas que sustentam um sistema complexo destinado não só à comunicação, mas também à cognição do mundo. As suas manifestações nas diferentes línguas naturais constituem o objecto de estudo científico da Linguística.

3. UMA VARIANTE COMPORTA-SE COMO UMA LÍNGUA?

Tendo em conta o fenómeno de variação linguística, a diversidade da LP aponta para a existência de variantes linguísticas do Português ao nível internacional, tais como o PE, o PB e outras variantes (africanas e asiáticas). Cada uma destas variantes pode ser caracterizada do ponto de vista da sua especificidade fonética, fonológica, pragmática e lexical, em primeiro lugar, mas também ao nível sintáctico, ou seja, na dimensão da própria

estrutura da língua. As diferenças que nos permitem distinguir as variantes do Português ao nível internacional constituem as especificidades de cada uma delas de um corpo único da LP.

Porque a resposta à pergunta que formulamos só pode ser uma, propõe-se que os trabalhos futuros se efectuem estudando discurso e textos (em registo oral e escrito) característicos da linguagem do quotidiano a todos os níveis que a variação linguística ocorre, isto é, diastrático, diatópico e diafásico, tendo em vista os caminhos a seguir para o ensino da LP em Angola.

Neste quadro queremos levantar algumas das muitas perplexidades que nós, professores de LP, nos deparamos na nossa actividade lectiva, não tanto pelas dúvidas que os alunos nos põem mas mais pelas que nos assaltam.

Para melhor sistematizar estas nossas perplexidades iremos abordar questões de natureza pragmática que são as mais marcadas culturalmente e portanto mais emblemáticas, dizemos nós, e mais passíveis de provocar manifestações preconceituosas entre falantes de diversas variantes da língua.

4. O ESPAÇO DA PA NOS ESTUDOS SOBRE A LÍNGUA PORTUGUESA.

Falar de Língua Portuguesa no mundo denota a possibilidade de citarmos todos os países e territórios em que esta língua tem algum valor oficial ou dialectal. Portanto, parece bastante óbvio que não se deve somente citar, neste contexto, as variantes do PE e do PB, como aparecem na maioria das gramáticas escritas sobre a Língua Portuguesa.

Uma língua depende do uso dos seus falantes. Há na língua traços característicos que a identificam como variante de uma dada região. A língua, portanto, mostra aquilo que um povo é, tendo em conta a sua história e a sua cultura, e a partir daí vai construindo e desconstruindo a sua identidade numa dinâmica própria dos agrupamentos humanos.

Quando se suprime este desejo inconsciente de identificação através da língua, retira-se a legitimidade de um processo natural. Embora, muitos países, especialmente, os de África, como Angola, não terem especialistas a trabalharem na construção de gramáticas normativas das suas variantes marcando uma posição que as afasta linguisticamente da metrópole da colonização, não há motivos para o não reconhecimento destas variantes. Mas também acreditamos que a falta de trabalhos nesta área pode estar na base deste tratamento.

Há uma tentativa nas gramáticas de demonstrarem algumas características do Português falado em Angola, mas sempre de uma forma geral, pelo menos nas gramáticas apresentadas para este trabalho. O que vemos são tentativas de demonstração de estudos

descritivos breves sobre o Português falado, sem uma noção clara de que comunidade linguística se trata. Além disso, ainda é evidente que se consideram estas particularidades na esfera de um Português nem padrão e nem não padrão, uma vez que, por um lado, o padrão continua a ser injustamente o PE (antes do acordo ortográfico). Mas falar de «Português Europeu» em África, é no mínimo bizarro e, nessa linha, o possível candidato a PA (Português de Angola) pode facilmente ser assimilado ao Português Vulgar, como língua da rua sem estatuto que lhe confira autoridade para servir de modelo de ensino.

A gramática do Português da Fundação Calouste Gulbenkian (2013), por exemplo, oferece um espaço à descrição do Português falado em África, com especial atenção ao Português falado em Angola e em Moçambique. É um estudo breve, como apresenta a própria gramática na introdução do volume I.

Um outro ponto para a discussão é falar-se de variedade angolana quando estamos diante de um território de mais ou menos vinte e oito milhões de habitantes inseridos num espaço geolinguístico diversificado de línguas *bantu* e *khoisan*. Então, é importante falarmos de variantes de Angola estudando as suas particularidades, sem nos esquecermos que a variante falada no centro de Luanda é vista como modelo pelos indivíduos de outras comunidades linguísticas, não só das províncias como também de outros municípios da própria capital.

O terceiro ponto a ser posto na balança é a importância que se dá, no ensino, à LP num país plurilingue. O que aumenta mais ainda a responsabilidade de se trabalhar arduamente na questão do PA.

Relativamente às gramáticas difundidas em Angola, vamos deter a nossa atenção às seguintes:

A. GRAMÁTICAS PORTUGUESAS:

A *Gramática de Língua Portuguesa* de Amorim e Sousa (2013) fala das variedades africanas, enfatizando o Português de Angola e o de Moçambique. Pode notar-se que se dá mais valor à influência do *Kimbundu* no PA, o que pressupõe que seja evidenciado mais o Português falado em Luanda. Mas é preciso ter em conta que este Português acomodou contributos de várias origens linguísticas pelo facto de em Luanda estarem representadas praticamente todas as etnias do país, sem deixarmos de falar é claro das populações estrangeiras, nomeadamente a congoleza e a portuguesa.

A *gramática do Português actual* de José de Almeida Moura (2011) não tem nenhum capítulo específico sobre o Português falado em África, mas aparece nos anexos uma pequena informação sobre a expansão do português até África e cita Angola como um dos países que tem o Português como língua oficial.

A *gramática Língua Portuguesa* de Borregana é uma breve obra que não se debruça sobre o estudo da Língua Portuguesa em Angola, mas cita brevemente que há diferenças no Português falado nos diferentes países e que é considerada língua oficial em Angola.

Da *Comunicação à Expressão – Gramática Prática do Português* de Azeredo, Pinto e Lopes (2012) dá um espaço ao PA e aponta algumas características do Português falado em Luanda com influência do *Kimbundu*, mas introduz o mesmo no capítulo da variedade brasileira e variedades africanas.

A *Gramática Moderna da Língua Portuguesa* organizada por João Costa (2010) apresenta o PA no âmbito do português falado nos países africanos.

Na Gramática do Português Moderno de José de Castro Pinto e de Maria do Céu Vieira Lopes não encontramos nenhum capítulo dedicado ao PA, mas à variedade africana. Não se especifica o país, mas o texto utilizado para o estudo é o de Luandino Vieira, o que pressupõe os usos da variante de Luanda.

O *Compêndio de Gramática* de Gomes Ferreira e de Nunes de Figueiredo não apresenta nenhuma informação sobre Angola.

B. GRAMÁTICAS BRASILEIRAS

A *Gramática Essencial* de Celso Cunha (2013) cinge-se ao Português do Brasil.

A *Moderna Gramática Portuguesa* de Evanildo Bechara (1999) não apresenta nenhuma informação sobre a Língua Portuguesa fora do Brasil.

Todas estas gramáticas de forma legítima não se debruçam sobre as variantes do Português falado em Angola, obviamente este espaço cabe aos estudiosos angolanos, mas o curioso é que são estas as gramáticas indicadas aos nossos estudantes pelos professores.

5. A CONFUSÃO DO USO DE DUAS VARIANTES ALHEIAS AO PA NO ENSINO

Adriano Soma fala-nos da “língua da aula” que ninguém fala, diríamos, aquela que o professor se esforça em falar sem obedecer efectivamente à consciência do padrão, da norma, da imposição. Portanto, a língua da aula neste artigo aparece como a variante que o professor tem como longínqua referência para ensinar, consciente de que existe um PP que não deve ser abandonado pois, por contrato social por si assumido como professor consciente que é, deve pugnar pelo “bem falar”.

Assim, defende este mesmo professor a língua da gramática alheia à língua em uso (por ele e pelos alunos). Porém, o professor que defende veementemente este

português *standard* não consegue de forma alguma apartar-se da língua natural e usa-a sempre que se afasta da língua artificial, artificial pois somente a usa em situações muito formais e quando submetida a cuidadosa e trabalhosa auto-vigilância.

Deparamo-nos, portanto, com outras situações em sala de aula: a língua de aula de Soma vai ser subdividida em duas outras variantes, a língua do professor (sobre a qual nos debruçamos anteriormente), e a língua do aluno (a variante que o aluno utiliza naturalmente).

Com esta dimensão, a língua da aula em certa medida deixa de ser a língua *standard*/padrão para passar a ser a língua de mistura, sem ser dialecto nem crioulo, a variante artificial. Ela é o resultado final das variantes do professor, do aluno e da gramática normativa.

O caso torna-se mais sério quando os professores não conhecem o verdadeiro funcionamento da língua, têm dificuldades com as regras do PE e são obrigados a distanciarem-se do PA utilizando gramáticas portuguesas (do PE pós acordo ortográfico e do PE antes do acordo ortográfico) e gramáticas brasileiras (PB).

Não há nenhuma legislação que proíba o uso de uma ou outra ou outra. O professor usa-as a seu bel-prazer (sem qualquer prazer, diga-se para sermos justos connosco, nós os pobres dos professores).

A quantidade destas gramáticas vendidas no país e indicadas pelos professores é uma aberração, um anacronismo no ensino da LP em Angola; é como se estivéssemos, hoje, no século XXI a ensinar a LP nas escolas às nossas crianças usando a *Grammatica da Lingoagem Portuguesa* de Fernão de Oliveira editada em 1536.

Tudo isto põe em evidência a crença do nosso atraso na “cadeia evolutiva” da LP, pois ainda acreditamos piamente que não sabemos falar o português e para muitos de nós que têm apenas o português como língua a confusão é ainda maior.

Em todo o caso, há um fenómeno que se tem verificado com a solidificação do conceito de “unidade na diversidade”, é que não “importa o que se fala” o que interessa é ser-se ouvido, é comunicar. Um “mal” que a escola tem sofrido já com a falta de formação dos professores e a falta de equipas de investigação que se debruçam sobre a gramática do português de Angola, e não só sobre toponímia ou lexicologia.

Portanto, torna-se inútil ensinar uma série de regras que o estudante reconhece, de antemão, serem de uma sociedade de outrem. Em defesa, ele não aprende. Sem querer ser inferiorizado ou sem se querer sentir inferiorizado adopta a atitude de espectador, assiste, mas não participa.

Falta, pois, a legitimação de um sistema linguístico do qual já não podemos escapar e que comporta, sendo sistema, uma morfologia própria, uma estrutura sintáctica própria

e semântica diferenciada que suportem um manual prático do funcionamento da língua que possibilite o ensino da língua dum modo eficiente e parametrizado.

6. QUESTÕES DE NATUREZA PRAGMÁTICA: FRASES LEXICALIZADAS

A linguagem demonstra aquilo que é o ser humano, segundo John Austin com a linguagem o homem realiza actos. Por meio dela o homem solta a sua voz, comunica com o outro motivado pela sua história, pela sua cultura, pela sua comunidade.

Olhemos os seguintes exemplos:

(1) ...Na ponta da bochecha

Esta frase foi recolhida numa rádio local em Luanda e foi dita por uma jovem senhora, atleta que falava sobre as suas conquistas desportivas. Ela inconscientemente usa a expressão lexicalizada 3 em substituição à expressão portuguesa na ponta da língua que permite termos a ideia de que o que se vai verbalizar era muito bem conhecido pelo indivíduo.

Portanto a língua evidencia a imagem do próprio indivíduo que se comunica. O eu revela-se, pressupõe-se que em esforço permanente, a atleta, talvez use a bochecha na sua linguagem não verbal para accionar os seus mecanismos de força. Este estímulo pode ter motivado a substituição da palavra língua por bochecha.

Esta expressão não é comum em Angola, mas denota a possibilidade e a capacidade que cada indivíduo numa comunidade tem de inovar para comunicar o que pensa. A língua não é estática e o idelecto é uma prova de que ela está constantemente a construir-se movido pelo desejo das pessoas em se comunicar de forma eficiente.

É certo que as expressões sintácticas lexicalizadas estão marcadas pela aceitabilidade que lhes dá a comunidade de falantes que as engendra. Não podemos generalizar a todos os falantes de LP as frases idiomáticas sob pena de estas agregarem significados divergentes que iriam babelizar a comunicação o que, é bem de ver, é o contrário, por definição, do objectivo de qualquer língua.

Quando partimos deste pressuposto facilmente somos levados a perceber que a Língua reflecte todas as dimensões da Cultura.

(2) Segurei-me com unhas e dentes.

Se atentarmos ao enunciado (2) verificamos que a expressão idiomática associada incorpora uma atitude comportamental de grande determinação que roça a violência que é difícil de aceitar nas comunidades de tradição oral que transportam consigo o saber ancestral que dá à palavra competência negocial e não impositiva. Em Angola esta expressão é substituída por outra com o mesmo sentido que é:

(3) Segurei-me com unhas e dedos.

(4) Segurar com dedo e unha. (mecanismo de correcção)

Hampaté Bá (2010) confirma que a palavra para o africano é um bem, pois o homem é a palavra, identifica-o e representa-o. Evidencia-se aqui que o falante do PA (3), inserido num contexto *Bantu* que caracteriza a sua cultura, não conhecendo profundamente a semântica da frase lexicalizada (2) busca na sua cognição referências que a levam a produzir o enunciado (3).

Notamos, neste estudo que não há o reconhecimento da fixidez das estruturas lexicalizadas ocorrendo algumas vezes a dessintatização de algumas frases e a troca dos elementos lexicalizados. Neste âmbito, encontramos uma variação explicitada na frase (4). Note-se nesta troca paradigmática uma inversão dos elementos referenciados e a sua passagem para o singular. Aqui há uma aproximação entre a semantização de (2) e a intervenção objectiva do dedo no acto.

(5) Trocar alhos por bogalhos.

Esta frase remete-nos para a questão cultural que motiva o acto de comunicação e remete o acto cognitivo a uma memória e à própria competência linguística do falante. Expliquemos: a palavra bogalho não entra na acomodação que merece no país, pois simplesmente não é reconhecida nem a sua existência como palavra e nem é associada a nenhum referente. Portanto, o falante tem dificuldade em tomá-la para o seu vocabulário.

O que acontece, neste contexto, é a substituição de um dos elementos combinados. Pressupomos aqui, o mais próximo de bogalho é a palavra borgalho, que supostamente vem de burgau (dito, em hiper correcção, burgal) que em Angola é utilizada no lugar da palavra seixo, cascalho (que também é dificilmente usada no acto de fala).

Borgalho, então, na lógica popular pode lembrar um dente de alho pelo tamanho. Esta expressão já rotinizada pela população é muito comum até na escrita, embora não tenha sido institucionalizada ainda.

Contrariamente, naquelas unidades multilexicais em que todas as palavras são percebidas pelo falante e com as quais concorda, não há substituição de termos, o que há é sim uma adequação cultural ou não.

(6) Não é flor que se cheire.

Nota-se que se atinge um grau elevado de semantização quando o processo ocorre com termos utilizados a partir de uma motivação cultural (7).

(7) Fazer boa muxima

Esta expressão é reconhecida pelos falantes, sobretudo por aqueles que são da etnia *Kimbundu*, e pouco utilizada por indivíduos que não são kimbundu e que vivem

nas províncias do norte ou do sul, pelo facto de terem as suas variantes do Português influenciadas também pelas suas línguas, podemos falar aqui do *Kikongo* e *Umbundu*, respectivamente.

A. MAIS ALGUMAS FRASES LEXICALIZADAS DO PORTUGUÊS DE ANGOLA

(8) Preparar o terreno – significa preparar-se para uma determinada situação.

(9) Pôr a pedra – marcar um lugar numa fila de espera ou, simplesmente, bicha. Literalmente, pelo facto de se ficar, nos primeiros anos após a independência, muito tempo nas filas, as pessoas marcavam o lugar com uma pedra e procuravam

um lugar para se sentar enquanto esperavam.

(10) Atirar pedra – cometer erros ao falar.

(11) Filho de peixe, peixinho é - é usada em substituição a *filho de peixe sabe nadar*

sobretudo pelos radialistas.

(12) Arranjar uma manga de dez – conquistar uma rapariga na flor da idade. A manga de dez é aquela que ainda é verde.

(13) Apanhar uma faixa – este assunto não te diz respeito.

(14) (sujeito livre) **emagrece** – o pedido do cobrador aos passageiros para apertarem-se uns aos outros para dar espaço, no transporte colectivo, para outro sentar-se.

(15) Estão **a te pentear** – o momento em que um agente fiscal corrompe um infractor.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação da qualidade de ensino é um processo complexo e longo que deve merecer a atenção de vários agentes utilizando mecanismos de avaliação muito bem estipulados. Estes mecanismos requerem um trabalho muito mais árduo quando falamos do estudo das línguas e do seu ensino numa sociedade onde a heterogeneidade linguística e cultural limita, de certa forma, a perspectiva de poucos estudiosos ligados ao ensino.

A língua sendo de todos merece um trabalho criterioso e minucioso, como apontado acima, mas necessita de gente capaz e interessada na sua descrição e na validação do seu uso como ferramenta de ensino. É preciso, em Angola, que os especialistas respondam às inúmeras dúvidas que angustiam os professores e estudantes em busca de um ensino pautado em bases científicas.

A primeira destas dúvidas que nos assalta é que língua se deve ensinar quando estamos, nós professores, distantes das gramáticas do PE e do PB que nos propõem? A segunda impõe um olhar para o fenómeno da variação linguística que leva os falares de Angola para outra direcção. Estas dúvidas concorrem para uma terceira preocupação que é o da definição das regras gramaticais de tais variantes e a especificação do modelo a ser utilizado para a leccionação.

Portanto, esta reflexão pretende apenas abrir a discussão para uma análise mais cuidadosa do nosso trabalho enquanto professores de língua portuguesa perdidos na utilização de regras tornadas ambíguas porque distantes do teatro das nossas aulas exercitado numa língua dita de “corredor” que é a da língua real.

Esta percepção levou-nos a uma análise lacónica do fenómeno de lexicalização que denota que a semantização é um fenómeno envolto no contexto cultural do indivíduo com o seu idelecto, e da comunidade linguística com as suas variações.

O cerne da questão aqui é de, professores e especialistas, nacionais e estrangeiros, sermos capazes de procurar soluções para a excelência do ensino do Português em Angola validando uma gramática concebida como um modelo de conhecimento da língua do falante-ouvinte.

Neste contexto, apresentamos um *corpus* limitado apenas na tentativa de mostrarmos como funciona o PA, e está em aberto, pois é fundamental a criação de grupos de trabalho que possam dar contribuições.

8. REFERÊNCIAS

ADRIANO, P. S. **A Crise Normativa do Português em Angola** - Cliticização e Regência Verbal: que atitude normativa para o professor e revisor». Luanda: Mayamba, 2015.

BÃ, A. H. A Tradição Viva (167-212). Em J. K. (Editor), **História Geral da África I. Metodologia e pré-história de África**. Brasília: UNESCO/Ministério da Educação do Brasil/Universidade Federal de S. Carlos, 2010.

BATORÉO, H. J. Expressão dos Afectos: Polarização ou Intensidade? In: I. C. (organizadores). **Razões e Emoção**. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus, 1ª ed., Vol. I, pp. 27-35. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Lisboa: Sá da Costa, 2000.

DUCROT, O.; TODOROV, T. **Dicionário das Ciências da Linguagem**. 8ª ed. J. A. António José Massano, (Trad.). Lisboa: Dom Quixote. 2007.

FARIA, I. H. **Introdução à Linguística Portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1996.

GALISSON, R.; COSTE, D. **Dicionário de Didáctica das Línguas**. Coimbra: Almedina, 1983.

ISCED. Edital do XIII JORNADAS CIENTÍFICO-PEDAGÓGICAS, 2ª Chamada para as Jornadas Científico-Pedagógicas. Luanda, Set, 2015.

KOSSI, E. Em Angola, a Língua Portuguesa de quem é? A influência do dialecto Kisolongo na concordância verbo-nominal do Português de Luanda. In: X CONGRESSO BRASILEIRO DE LINGUÍSTICA APLICADA, ALAB, 2013, **Anais Eletrônicos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

RANCHHOD, E. M. O Lugar das Expressões 'Fixas' na Gramática do Português. In: I. C. (organizadores), **Razões e Emoção**. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus, 1ª ed., Vol. II, pp. 239-254. Lisboa, Portugal: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2003.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Patricia Vasconcelos Almeida - Pós doutora em Linguagem e Tecnologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação em Letras e na pós graduação nos programas de Educação (mestrado profissional) e de Letras (mestrado acadêmico). Líder do Grupo de Pesquisa CNPq - Tecnologias e Práticas Digitais no ensino-aprendizagem de línguas. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Inglesa, atuando principalmente nos seguintes temas: Formação de professores, ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras mediado pelas tecnologias digitais, tecnologia educacional, ambientes virtuais de aprendizagem.

Mauriceia Silva de Paula Vieira - Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação e na pós graduação. Possui experiência docente na educação básica, na formação continuada de professores alfabetizadores e de professores de língua portuguesa. Suas pesquisas se inserem nas seguintes áreas: ensino de língua portuguesa; leitura e práticas de letramentos; letramento digital e uso de tecnologias; análise linguística/semiótica em perspectiva funcionalista.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aprendizagem 14, 16, 17, 18, 20, 36, 37, 40, 41, 45, 47, 49, 50, 78, 86, 87, 89, 92, 94, 222,
Argumentação 240, 241, 243, 244, 245, 246, 247, 249, 251, 252
Arte 22, 26, 27, 28, 30, 32, 36, 53, 61, 105, 136, 151, 152, 157, 163, 221, 258, 262
Avaliação 1, 2, 3, 11

B

Blog 22, 45, 110, 111, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122

C

Câmara Cascudo 123, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136
Classificação e construção 96
Colaborativa 21, 22, 24, 69, 86, 91
Combinações sintagmáticas 193, 194, 200
Crioulo cabo-verdiano 225, 226, 227, 229, 230, 231, 233, 234, 236, 237
Cultura 5, 9, 10, 17, 26, 27, 28, 30, 36, 44, 57, 61, 64, 78, 79, 82, 85, 92, 125, 129, 130, 131,
134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 148, 149, 157, 162, 163, 210, 224, 225, 226, 227,
228, 229, 232, 234, 236, 237, 238, 242, 255, 263

D

Dialogismo 74, 81, 84, 205, 218
Diário 25, 29, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 120, 121, 122, 258, 259, 262

E

Educação feminina 253, 258
Elementos neoclássicos 165, 166, 167, 168, 172, 173
Enfoque 71, 77, 151, 152, 205, 208, 212, 213, 222
Ensino 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 31, 36,
37, 38, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 51, 52, 62, 63, 64, 69, 70, 73, 74, 78, 81, 84, 86, 87,
88, 89, 94, 110, 122, 173, 190, 219, 221, 222, 234, 237, 238, 251, 255
Escrita feminina 112, 253
Estesiológica 25, 28, 36
Estilo 20, 74, 81, 84, 96, 97, 100, 108, 133, 242, 243
Estratégias argumentativas 240, 244, 246, 249

Experiencia 3, 18, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 36, 37, 38, 42, 49, 50, 51, 68, 78, 106, 139, 141, 142, 143, 145, 147, 151, 152, 153, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 228, 253, 261, 263

F

Facebook 22, 110, 111, 118, 119, 120, 121, 122

Fanfictions 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84

Formação de palavras 165, 166, 167

Frases idiomáticas 2, 9

G

Gastronomia 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 36, 37

Gêneros textuais 19, 44, 45, 51, 66, 69, 96, 110, 112, 117, 122, 189

Grafema-fonema 175, 176, 177

H

Hermenêutica 151, 152, 153, 156, 158, 160, 161, 162, 164

I

Internet 20, 45, 48, 49, 50, 56, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 88, 90, 92, 95, 108, 110, 111, 112, 115, 116, 120, 121, 169, 189, 205, 206, 242

L

Leitura 20, 22, 27, 43, 44, 45, 51, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 84, 85, 90, 110, 111, 113, 116, 120, 124, 175, 177, 178, 181, 185, 189, 190, 224, 239, 251, 259, 264

Leitura e escrita 44, 74, 77, 78, 81

Letramento digital 14, 16, 20, 21, 24, 38, 43, 44, 45, 47, 51, 52, 86, 87, 89, 93, 94

Libras 138, 139, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150

Linguagem 4, 5, 9, 12, 16, 17, 18, 19, 22, 23, 24, 25, 28, 44, 72, 86, 88, 90, 91, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 106, 108, 111, 113, 116, 117, 119, 120, 126, 135, 136, 139, 140, 141, 174, 178, 185, 193, 194, 195, 200, 205, 206, 209, 210, 211, 212, 214, 217, 218, 221, 222, 223, 225, 229, 238, 242, 244, 246, 247, 251

Língua minoritária 225, 229

Língua oficial 6, 7, 225, 229, 233, 236

Língua Portuguesa 1, 2, 5, 6, 7, 12, 13, 14, 15, 16, 21, 22, 23, 24, 51, 62, 64, 73, 95, 110, 137, 139, 142, 147, 169, 173, 174, 175, 179, 190, 198, 212, 230, 233, 234, 235, 236, 238

Linguística Textual 62, 64, 71, 73, 126, 136, 205, 209, 215, 222, 223, 251

M

Mediatização 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61

Metáfora 136, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 212

Morfologia 8, 149, 165, 166, 173, 180, 182, 204

Multiletramentos 14, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 23, 24

N

Narratividade 53, 54, 57, 58, 60

Nísia Floresta 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263

Nordeste 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 152, 164, 254

P

Padrões formativos 192, 193, 194, 202

Parâmetros Curriculares Nacionais 62, 63, 64, 65, 70, 73

Petições iniciais 240, 241, 242, 243, 247, 250, 251

Português brasileiro 136, 175, 177, 178, 179, 181, 182, 189

Português Europeu 2, 6

Processos educativos 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59

Profissionalização 38, 40, 41, 42, 43, 44, 49, 50, 51

R

Referenciação semiotizada 205, 206, 208, 213, 214, 215, 217, 219, 220, 222

Representações discursivas 123, 125, 126, 127, 128, 129, 135, 136, 137

Rupturas 38, 59, 111, 259

S

Semiótica 16, 17, 22, 53, 54, 86, 88, 91, 95, 140, 223

Sílaba 19, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 189

T

Teatro 12, 25, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 36, 37

Terminologia 107, 169, 193, 195, 198, 203, 204

Texto 5, 7, 16, 17, 18, 19, 22, 24, 25, 40, 44, 47, 48, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 76, 77, 78, 81, 83, 84, 86, 90, 91, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 108, 110, 111, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 125, 126, 127, 128, 135, 136, 137, 145, 146, 149, 152, 157, 175, 176, 178, 181, 182, 183, 184, 185, 189, 191, 196, 197, 205



**EDITORA
ARTEMIS**